

EDUCAÇÃO POPULAR E O NÚCLEO FLORESTA DA REDE EMANCIPA

POPULAR EDUCATION AND THE FLORESTA NUCLEUS OF THE EMANCIPA NETWORK

EDUCACIÓN POPULAR Y EL NÚCLEO FLORESTA DE LA RED EMANCIPA

Maria Inês de Oliveira Sousa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG). Bolsista da CAPES.

E-mail: ines.sol1@hotmail.com

Anna Paula Vencato

Doutora em Antropologia pelo IFCS/UFRJ. Professora do DECAE/FaE/UFMG e do PPGE/FaE/UFMG.

E-mail: apvencato@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, estamos na fase de análise de dados. A pesquisa se desenvolve no cursinho popular Emancipa Floresta, localizado em Belo Horizonte -MG, que faz parte da Rede Emancipa: Movimento Social de Educação Popular. A Rede Emancipa, a partir da organização de cursinhos populares por vários estados do Brasil, luta pela democratização do acesso à Universidade, por uma educação de qualidade, crítica e gratuita. Para este trabalho, utilizamos pesquisa bibliográfica e análise documental da Rede Emancipa e do núcleo Emancipa Floresta. Os resultados iniciais mostram que o Emancipa Floresta é um instrumento importante na luta pela democratização do acesso ao ensino superior e uma alternativa para a juventude que sonha em entrar na Universidade. Diante do exposto, é possível concluir que tanto a Rede Emancipa quanto o núcleo Emancipa Floresta atuam pautados na perspectiva da educação de qualidade e crítica como um direito social.

PALAVRAS-CHAVE: educação popular; cursinho popular; Rede Emancipa; Emancipa Floresta.

ABSTRACT

This work is part of an ongoing master's degree research developed within the scope of the Graduate Program in Education: Knowledge and Social Inclusion of the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais. We are currently working on analyzing the collected survey data. The research was developed in the popular Emancipa Floresta course, located in Belo Horizonte - MG, which is part of the Rede Emancipa: Social Movement of Popular Education. The Rede Emancipa fights for the democratization of access to the University, organizing popular pre-university courses in several states of Brazil, with the objective of achieving a quality, critical and free education. For this work, we used bibliographic research and document analysis of the Rede Emancipa and also the Emancipa Floresta nucleus. The initial results show that Emancipa Floresta is an important instrument in the fight for the democratization of access to higher education and an alternative for youth who dream of accessing the University. As exposed, it is possible to conclude that both the Rede Emancipa and the Emancipa Floresta nucleus act based on the perspective of quality and critical education as a social right.

KEYWORDS: popular education; popular course; Rede Emancipa; Emancipa Floresta.

RESUMEN

Este trabajo forma parte de una investigación de maestría en curso vinculada al Programa de Posgrado en Educación: Conocimiento e Inclusión Social de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Minas Gerais. Actualmente estamos en la fase de análisis de datos. La investigación se desarrolla en el curso popular Emancipa Floresta, ubicado en Belo Horizonte - MG, que forma parte de la Red Emancipa: Movimiento Social de Educación Popular. La Red Emancipa, a partir de la organización de cursos populares en varios estados de Brasil, lucha por la democratización del

acceso a la Universidad, por una educación de calidad, crítica y gratuita. Para este trabajo se utilizó la investigación bibliográfica y el análisis documental de la Red Emancipa y del núcleo Emancipa Floresta. Los resultados iniciales muestran que Emancipa Floresta es un instrumento importante en la lucha por la democratización del acceso a la educación superior y una alternativa para los jóvenes que sueñan con ingresar a la Universidad. Dado lo anterior, es posible concluir que tanto la Red Emancipa como el núcleo Emancipa Floresta actúan desde la perspectiva de la educación crítica y de calidad como derecho social.

PALABRAS-CLAVE: educación popular; curso popular; Red Emancipa; Emancipa Floresta.

1. INTRODUÇÃO

A educação pode ser um instrumento de opressão ou libertação. O processo educacional pode servir para perpetuar a ideologia dominante e hegemônica ou pode estar direcionada a uma abordagem emancipatória em defesa dos e das oprimidas/os. Essas tensões não se restringem apenas à educação formal, mas também se manifestam na educação não-formal, sendo os cursinhos populares potenciais espaços da manifestação de ideias libertadoras dentro dessa esfera.

Em contraposição à educação bancária e pedagogias neoliberais, a Rede Emancipa caracteriza-se como um movimento social que, através de cursinhos populares espalhados em diversos estados brasileiros, pauta-se na defesa do ensino público de qualidade e democratização do acesso à universidade. Freire (2019) nos lembra que, no modelo educacional neoliberal, a “[...] educação se torna um ato de depositar em que educandos são os depósitos e o educador, o depositante”. (FREIRE, 2019, p. 80). Lopes e Caprio (2008) ressaltam que, no discurso e práticas neoliberais, a educação passa a seguir os princípios e lógicas do mercado e, conseqüentemente, ela “[...] deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar à sua semelhança”. (LOPES; CAPRIO, 2008, p. 3).

Fica, assim, evidente que esse tipo de educação consiste em domesticar os sujeitos para a preservação e permanência das estruturas de opressão e hierarquização de poderes. Em contrapartida a essa lógica, a Rede Emancipa: Movimento Social de Educação Popular busca desenvolver um trabalho educacional fundamentado na proposta de educação libertadora de Freire. Embora seja um cursinho voltado para a preparação dos/as jovens para o vestibular, incluindo o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)¹, seu trabalho vai além dos conteúdos exigidos nos vestibulares das universidades. A Rede Emancipa também questiona o próprio

¹ O Exame Nacional do Ensino Médio, popularmente referido como ENEM, foi criado em 1998. Inicialmente, a ideia era de que ele funcionasse como uma avaliação da qualidade do ensino médio no Brasil. Atualmente, funciona principalmente como uma avaliação que permite a admissão à educação superior. A prova do ENEM é realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação do país.

sistema do vestibular e sua lógica excludente, buscando promover uma reflexão sobre as suas limitações e impactos desse processo na exclusão de determinados grupos sociais.

O primeiro cursinho a iniciar os trabalhos foi o de São Paulo, mas a Rede Emancipa expandiu-se e atua em diversos estados, dentre eles Minas Gerais. Em Belo Horizonte, além de outros cursinhos, sua atuação se dá a partir do Emancipa Floresta, que busca não ser apenas um cursinho pré-vestibular voltado para uma educação mercadológica e ater-se apenas a uma lógica de preparação para vestibulares, mas também busca lidar com as diversas questões ligadas aos contextos de vida dos sujeitos (mulheres e homens) que ali estão. Dessa forma, no corpo deste trabalho, nos propomos a apresentar a atuação da Rede Emancipa, por meio do Emancipa Floresta, e descrever suas ações desenvolvidas em Belo Horizonte, destacando sua importância e impacto sociais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Caracterizada como uma educação horizontal e dialógica, a educação popular também “[...] é o processo contínuo e sistemático que implica momentos de reflexão e estudo sobre a prática do grupo ou da organização; é o confronto da prática sistematizada com elementos de interpretação e informação”. (HURTADO, 1992, p. 44-45).

Pontual (2019) ainda destaca que a educação popular, a partir de uma concepção política, pedagógica e ética das práticas educativas, tem “a missão de contribuir para a construção de uma cidadania ativa e transformadora a partir do exercício da democracia participativa, objetivando um modelo de desenvolvimento integral promotor da justiça social e da inclusão social com equidade de gênero, [...] da superação de todas as formas de violência”. (PONTUAL, 2019, p. 143).

De acordo com Paludo (2015), a educação popular é “como um campo de conhecimento e como prática educativa se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida”. (PALUDO, 2015, p. 22).

Compreendida ainda como uma educação não institucionalizada, a educação popular consiste na conscientização crítica dos grupos populares, em sua organização e mobilização em prol da mudança social que se realiza

[...] junto às comunidades, aos grupos empobrecidos, beneficiários das políticas de transferência de renda e políticas sociais, junto às pastorais sociais e pequenos grupos organizados que querem formar associações ou cooperativas, grupos de mulheres, juventudes, populações tradicionais, agentes de saúde e comunitários, fóruns de economia solidária, de educação de jovens e adultos. A Educação Popular está onde está o

povo do campo e da cidade que lutam dia-a-dia há anos para que possam ter voz e vez, serem protagonistas e construtores de sua própria história. (BRASIL, 2014, p. 25).

Com isso, compreende-se que a educação popular é um ato político, não havendo neutralidade, como bem nos ensinou Paulo Freire. A partir desse contexto, constata-se que a Educação popular contrária “[...] à lógica neoliberal pelo caráter de esperança que carrega em sua ideologia, pelos educadores populares que acreditam na possibilidade de uma nova sociedade”. (MACHADO, 2020, p. 65).

Ao reinventar sua forma de atuar e sua prática pedagógica e política, nota-se que a educação popular não pode ficar de fora da luta feminista. Apesar de conceitos distintos, ambos se completam ao denunciar as diversas faces das desigualdades de gênero, sociais, políticas e educacionais presentes em nossa sociedade. Portanto, torna-se importante compreender como os movimentos sociais de educação popular avançam nessa discussão e contribuem para a transformação da sociedade.

Conforme ressaltado por Brabo (2018), a educação popular comprometida com a transformação social também valoriza a gestão democrática e a participação da sociedade na construção e tomadas de decisões sobre as políticas e programas educativos. Isso implica em valorizar a voz e as vivências das pessoas afetadas pelas desigualdades e opressões, incorporando suas perspectivas nas estratégias educacionais. Dessa maneira,

A perspectiva da Educação Popular é a que trabalha a construção da qualidade social da educação numa perspectiva de co-gestão e co-responsabilidade entre os diversos atores envolvidos no processo (funcionários/as, docentes, membros da gestão, além dos/as estudantes) para a construção de um modelo de desenvolvimento baseado nos princípios dos direitos humanos, da justiça social, equidade, sustentabilidade e autonomia. Estes foram sempre os pressupostos dos movimentos feministas, valores estes que permearam suas práticas políticas na perspectiva de uma sociedade humana e justa, também para as mulheres. (BRABO, 2018, p. 59).

Assim, a educação popular e os movimentos feministas se complementam na luta pela construção de uma sociedade baseada em valores de igualdade, justiça e autonomia. Ao unir essas duas perspectivas, é possível fortalecer as lutas por uma educação transformadora, emancipadora, crítica, reflexiva, dialógica e, dessa maneira, contribuindo para a superação das desigualdades. Nesse processo, os movimentos sociais são fundamentais para fortalecer ainda a luta por uma educação libertadora. Os movimentos sociais caracterizam-se por ações coletivas que defendem e lutam por uma causa social e política.

Para Damasceno (2016), os movimentos sociais além de se constituírem como uma ação coletiva, atuante e de caráter questionador, exercem a função transformadora “[...] objetivando educar e preparar as camadas trabalhadoras para assumir a direção política e ética da sociedade” (DAMASCENO, 2016, p. 37-38). Os movimentos sociais são espaços educativos tanto para seus participantes como para a sociedade (GOHN, 2009). São espaços onde germinam lutas centrais na construção de uma sociedade justa. Entre elas, as relações de gênero.

Na contramão das prescrições neoliberais e suas ideias e práticas de educação bancária, bastante presentes na organização da educação brasileira, apresentamos a Rede Emancipa: Movimento Social de Educação Popular, que tem como princípios organizativos a gratuidade, criticidade, o trabalho militante e a luta pela democratização do acesso à Universidade e educação de qualidade. Além disso, o movimento luta contra as desigualdades econômicas, o racismo, o machismo, a LGBTQIAP+fobia e em defesa do meio ambiente e da saúde pública.

Por meio de seus cursinhos populares, a Rede Emancipa atua para além da ideia de ser um pré-vestibular, tornando-se em um espaço de formação e integração com as lutas sociais (acesso à universidade, moradia, política de cotas etc.). O Emancipa busca ir além do formato tradicional de um cursinho popular de pré-vestibular tradicional, focado no “decorar” questões e macetes para aprovação nos exames. Ao invés disso, busca promover uma educação aproximando-se do método freireano, enquanto prepara os estudantes para os processos seletivos das universidades, especialmente o Enem.

A Rede Emancipa surgiu em São Paulo (2007), por um grupo de professores e estudantes da Universidade de São Paulo (USP), assim como por membros de outras universidades e ex-alunos e ex-professores do Cursinho da Poli. O cursinho da Poli (CP) era um renomado cursinho pré-vestibular popular em São Paulo. Conforme Groppo, Oliveira e Oliveira (2019), a história do Cursinho da Poli apresenta semelhanças com outros vinculados a entidades estudantis que surgiram nas décadas de 1960 e 1970 e que posteriormente deram origem a cursos pré-vestibulares comerciais e a colégios privados de prestígio. Mendes (2011, p. 13) ressalta que

Seu projeto foi elaborado pelo movimento estudantil nos anos de 1980, vinculado à entidade representativa dos estudantes de engenharia da USP (o Grêmio da Poli). Com a proposta de uma educação emancipadora, e um debate sobre a necessária democratização da universidade, o CP foi progressivamente se afastando dos seus propósitos iniciais, ao mesmo tempo em que incorporava o discurso hegemônico do chamado Terceiro Setor.

Na luta pela democratização do acesso à universidade pública e por uma educação de qualidade, a Rede Emancipa também se dedica a fornecer uma preparação necessária para que alunos/as, matriculados na rede pública de ensino médio, de diferentes faixas etárias, assim como estudantes que não têm condições de arcar com altos custos de cursinhos particulares, possam ingressar nas universidades públicas (MENEZES, 2012).

É importante ressaltar que “o Emancipa busca se diferenciar tanto dos cursinhos comerciais quanto de cursinhos que se dizem populares, mas que não se engajam na perspectiva de ‘conscientização’ dos sujeitos nem de inserção em lutas pela democratização da educação superior”. (MENDES, 2011; 2012 *apud* GROppo; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 13).

Dessa forma, o Emancipa se diferencia ao combinar a preparação para o vestibular com uma abordagem crítica e transformadora, engajando-se em diversas lutas sociais, ao contrário de outros cursinhos tradicionais que acabam por se limitar apenas à transmissão de conteúdos. Groppo, Oliveira e Oliveira (2019), destacam que os objetivos da Rede Emancipa estão alinhados com os de outros campos de cursinhos populares.

Mais claramente, o Emancipa projeta lutas sociais pelos direitos à educação, contesta os limites da democratização da educação superior, fomenta cursinhos populares em que se busca combinar o desejo individual do acesso à universidade com projetos coletivos de transformação social, além de promover a formação de docentes para os cursinhos que mantêm vivas as práticas pedagógicas alternativas que marcam a Rede (círculos, tempo livre, aulas públicas, formação política e mobilização para lutas sociais.). (GROppo; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 20).

A partir desse contexto, é importante ressaltar que a educação popular é o principal eixo orientador da atuação do cursinho, tendo como grande referência pedagógica e política o pensador e educador Paulo Freire. A educação popular adotada pelo Emancipa é apresentada logo no início do Editorial da revista comemorativa de seus 10 anos:

A educação popular que nos dispusemos a construir há uma década é, sobretudo, a nossa maneira de fazer uma escolha explícita pela transformação social, pela ruptura do cerco que condena milhões de pessoas pela sua cor ou condição econômica a ficar de fora da partilha poder e do conhecimento que a humanidade produziu historicamente. Essa escolha implica em várias outras. Pedagogicamente estimular a argumentação e a crítica em detrimento da doutrinação e do dogmatismo; estimular a solidariedade em detrimento da competição e do individualismo; estimular a alegria do saber em detrimento da censura e do silenciamento. (CARVALHO, 2017, p. 04).

Machado e Amorim (2019, p. 1418) ressaltam que, na concepção assumida pela Rede Emancipa,

[...] o vestibular é concebido como um método insuficiente de seleção por cobrar dos discentes, via de regra, a memorização acrítica de conteúdos, além de se apresentar como um funil social e racial já que a seleção é desonesta e começa muito antes da prova em si. Nesse sentido há um entendimento que os estudantes de escola pública não recebem a formação necessária para vencerem a barreira que o vestibular constitui e, em muitos casos, não possuem recursos financeiros para arcar com os custos de tentarem o vestibular em mais de uma universidade.

Aragão *et al.* (2015, p. 88) também destaca que a Rede Emancipa

[...] foge do tradicional currículo conteudista dos cursinhos pré-vestibulares, mas sem deixar de abarcar o conhecimento necessário para os vestibulandos. Entende-se que a compreensão da realidade está ligada a todas as áreas do conhecimento e que ultrapassam fronteiras que as diferenciam para fins didáticos ou metodológicos, tentando superar a forma fragmentada que é apresentada e também aproveitar o conhecimento produzido pelos movimentos sociais.

O trabalho desenvolvido pela Rede Emancipa é guiado por princípios fundamentais que norteiam toda sua atuação pedagógica e política. Um desses princípios é a gratuidade do ensino, entendendo que a educação deve ser um direito universal. É importante ressaltar que muitos dos envolvidos na construção da Rede Emancipa são militantes de diversas áreas que lutam pela democratização do ensino e por transformações profundas na sociedade. Além disso, a carta de princípios da Rede Emancipa estabelece dez princípios que norteiam seu trabalho. São eles:

1. Defesa da educação pública, gratuita e de qualidade como direito de todas e de todos.
2. A gratuidade como premissa na participação dos estudantes em nossos cursinhos.
3. Educar para a liberdade, desenvolver o pensamento crítico contra a doutrinação e promover o protagonismo estudantil.
4. Compromisso com a luta da classe trabalhadora por direitos e pela transformação social.
5. Defesa de um projeto anticapitalista para a sociedade.
6. Direito à cidade, entendido como o direito de usufruir dos serviços sociais básicos, dos espaços de lazer e de cultura.
7. Autonomia política e financeira, sem interferência de qualquer outra organização ou do Estado.
8. Promoção dos Direitos Humanos, contra qualquer forma de opressão e preconceito e para a realização da cidadania.
9. Aliança com outros setores a partir de acordos políticos, programáticos e táticos. Não temos e não teremos relações com organizações de direita e com organizações que atuem para nos dividir, cooptar ou instrumentalizar.
10. Promoção da solidariedade e do coletivismo como valores fundamentais.

Esses princípios norteiam sua prática pedagógica e política, direcionando suas ações no sentido de promover uma educação transformadora, inclusiva e comprometida com a justiça social. É importante ressaltar que a Rede Emancipa existe em vários Estados do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Norte entre outros estados². Essa expansão geográfica permite a existência de experiências diversificadas de cursinhos nos estados que atuam, refletindo as singularidades e características de cada região.

Em Minas Gerais, a cidade de Belo Horizonte abriga uma das unidades da Rede Emancipa – trata-se do Emancipa Floresta, fundado em 2015, que atualmente funciona no Centro de Referência das Juventudes (CRJ). Sendo um núcleo da Rede Emancipa, esse cursinho popular também atua contra as concepções da educação neoliberal e o ensino bancário.

Com o propósito de questionar essas estruturas e mobilizar os sujeitos, o cursinho propõe para seus educandos espaços de discussões relacionadas à realidade regional e nacional, tanto nas aulas como também através dos círculos. Ainda são organizadas exposições de filmes e debates e os alunos são incentivados a participarem de movimentos sociais. (ARAGÃO *et al.*, 2015).

3. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, partimos dos seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico e análise documental da Rede Emancipa. A pesquisa bibliográfica envolveu leitura e análise de materiais impressos, documentos digitalizados e consulta a páginas da internet. Somamo-nos a Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 02) quando afirmam que

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Os autores ainda pontuam que

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo

² Para mais detalhes, é possível acessar a *Revista Emancipa 10 Anos* na página da internet: https://issuu.com/redeemancipa/docs/revista_final_novembro_online

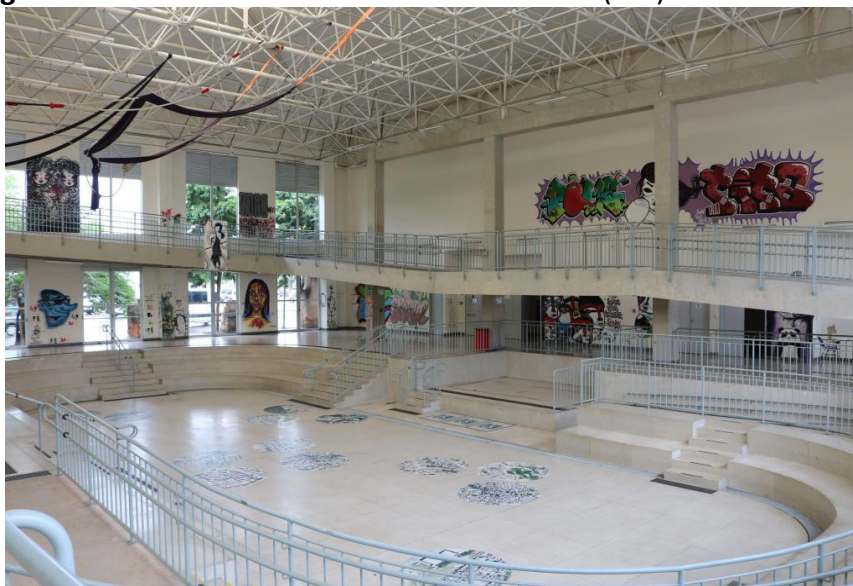
com o interesse do pesquisador (FIGUEIREDO, 2007). Tendo em vista essa dimensão fica claro existir diferenças entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 05)

A análise documental realizada para este texto abarcou o tratamento analítico de manuais disponibilizados pelo cursinho como a *Revista 10 anos do Emancipa* e sua *Carta de Princípios*. Além disso, foi necessário recorrer a uma bibliografia ligada à educação popular, artigos sobre a Rede Emancipa, dados do Emancipa Floresta e entrevista semiestruturada com perguntas abertas, que possibilitaram à coordenadora do Emancipa Floresta narrar a singularidade do cursinho, bem como seu processo histórico em Belo Horizonte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Belo Horizonte, o Emancipa Floresta está localizado no Bairro Floresta e integra a Rede Emancipa: Movimento Social de Educação Popular. Atualmente, seu núcleo funciona em parceria com o Centro de Referência das Juventudes (CRJ), órgão gerido pela prefeitura de Belo Horizonte vinculado à Subsecretaria de Direitos e Cidadania (SUDC), uma das três subsecretarias que compõem a Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC). Vale destacar que, mesmo funcionando em um espaço da prefeitura, o cursinho mantém sua autonomia em relação aos governos.

Figura 1 – Centro de Referência das Juventudes (CRJ) – Belo Horizonte



Fonte: Página da Prefeitura de Belo Horizonte³

³Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/sudc/equipamentos/crj>. Acesso em 05 jul. 2023.

Antes de ser chamado de Emancipa Floresta, o cursinho era conhecido como Emancipa BH. A mudança de nome ocorreu quando o cursinho começou a oferecer suas aulas na Escola Municipal Paulo Mendes Campos, situada no Bairro Floresta.

Ainda que com dados parciais de uma pesquisa em andamento, observa-se que o Emancipa Floresta se destaca por suas características singulares e por buscar se diferenciar dos demais cursinhos populares presentes no município. Uma das suas principais distinções é sua abordagem educacional, que vai além do simples foco nos conteúdos exigidos pelo ENEM.

Com aulas aos sábados, sua coordenação e atividades são desenvolvidas por voluntários/as, em sua maioria, docentes em formação de diversos cursos, como ciências sociais, química, geografia, história, inglês, jornalismo, direito, matemática, filosofia, entre outros. Além disso, também participam alunos/as e ex-alunos/as do próprio cursinho. Os professores/as voluntários desempenham um papel importante, tanto nas aulas regulares oferecidas pelo cursinho quanto na mobilização e na luta pela democratização do ensino e do acesso à universidade.

Além das disciplinas oferecidas nas aulas, educadores/as e estudantes discutem sobre as contradições sociais e políticas, desde a realidade nacional até a local, para que juntos (educadores/as e alunos/as) possam refletir e identificar as faces das desigualdades sociais, raciais, de gênero, econômicas, entre outras formas de opressões, fazendo com que os/as educandos/as compreendam a importância da ação e organização para reivindicar seus direitos.

Em entrevista com a coordenadora, esta destacou que, para além das disciplinas oferecidas aos/as alunos/as, há os círculos de conhecimento, um espaço onde se ensina e aprende conjuntamente. Os círculos têm duração de uma hora e os temas abordados partem de questões que mobilizam os/as docentes, com o intuito de que adquiram mais conhecimentos sobre determinados assuntos, tais como: direitos humanos, racismo, feminismo etc.

Com base na proposta pedagógica democrática e emancipadora, os círculos de conhecimento do Emancipa Floresta oferecem uma oportunidade valiosa para os/as educandos/as discutirem temas relevantes em suas realidades e na sociedade em geral. Assuntos abordados, como racismo, violência, dia do orgulho LGBTQIAP+, feminismo, entre outros, geralmente não são discutidos em outros espaços, como em suas casas ou na escola. Nesses círculos, os/as estudantes têm a chance de refletir sobre si mesmos/as e suas vivências, compartilhando suas experiências e perspectivas. A troca de experiências, o diálogo e a escuta mútua são valorizados nesses espaços, o que permite que os/as educandos/as se identifiquem com os outros e se sintam acolhidos em

sua jornada rumo à universidade. Ao perceberem que não estão sozinhos/as em suas vivências e desafios, os/as estudantes encontram apoio e solidariedade dentro do Emancipa Floresta, tornando seu caminho para a universidade de forma mais leve e significativa.

Assim, todas as discussões realizadas no círculo buscam aproximar educandos/as e educadores “[...] no debate de temas que afetam todos, por estarem eles inseridos em uma mesma realidade e sofrendo com os mesmos problemas sociais, como a falta de acesso à cultura, ao esporte, ao lazer, à segurança, à saúde e à educação” (ARAGÃO *et al.*, 2015, p. 90). Freire nos lembra que espaços como estes promovem a horizontalidade na relação educador-educando, e, ao mesmo tempo, a valorização das culturas locais, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão neoliberal e elitista de educação (DANTAS; LINHARES, 2014).

A partir dos dados levantados pelo Emancipa Floresta e por meio de diálogo com coordenadora do cursinho, a mesma destaca que os/as alunos/as que frequentavam o Emancipa no Bairro Floresta eram 100% oriundos de escolas públicas e 80% recebiam bolsa família. Com relação à classificação étnico-racial, há uma diversidade presente de alunos, onde 45% se autodeclararam pardos/as, 25% pretos/as e 30% brancos/as. Quanto ao gênero, as matrículas são compostas por 80% de mulheres, enquanto homens são 20%. Não obtivemos qualquer informação até aqui sobre a presença de estudantes travestis e transexuais. Quando se fala acerca da evasão de estudantes, no entanto, as mulheres são as que mais se evadiram durante a pandemia, o que é uma informação relevante para compreender os desafios enfrentados pelas/os estudantes nesse período.

Conforme a coordenadora, o levantamento desses dados foi realizado pelo Emancipa Floresta durante a pandemia através das inscrições de estudantes. Após retornarem com suas atividades presenciais no CRJ, esses dados não sofreram muitas alterações. Seu público continua sendo em maior quantidade estudantes da rede pública e com forte presença feminina. Contudo, as evasões desses/as estudantes ao longo do cursinho persistem. Essa persistência da evasão é um desafio que requer atenção e esforços para compreender os motivos por trás desse fenômeno para buscar estratégias para minimizar esse processo. Esse dado revela a importância de acompanhar a trajetória dos/as estudantes, identificar os obstáculos e oferecer suporte para garantir a continuidade desse/a aluno/a na sua jornada educacional.

A esse respeito Almeida (2020) destaca a relação entre a formação socioespacial e a evasão desses estudantes de cursinhos populares, como o Emancipa Floresta. As condições precárias de moradia, a falta de acesso a serviços básicos como

[...] saneamento básico, transporte, creches, postos de saúde e estruturas urbanas em geral. Estas defasagens, acentuadas pela crise econômica atual, afetam as famílias e têm influência direta na evasão dos alunos, pois precisam cuidar de irmãos mais novos, trabalhar/ e ou procurar emprego, escolher entre pagar aluguel ou contas de água e luz (ALMEIDA, 2020, p. 25).

É importante ressaltar que esses fatores têm implicações diretas na preparação dos estudantes para o vestibular e ainda limitam suas chances de aprovação. Vieira e Caldas (2017) destacam que aprovação no vestibular não depende somente da escola em que o/a aluno/a frequentou, mas também de uma série de fatores que influenciam seu desempenho como: “[...] distância do cursinho, alimentação, tempo disponível, local para estudo, acesso a materiais didáticos de boa qualidade, estresse, autoestima, pressão social e expectativas materiais. Além disso, esta aprovação depende da rede de fatores que a influenciam, como a sociedade, suas experiências e perspectivas”. (VIEIRA; CALDAS, 2017, p. 142).

Nesse contexto, é fundamental reconhecer que a evasão nos cursinhos também está relacionada a questões estruturais e desiguais socioeconômicas que afetam a vida dos/as jovens e essas dificuldades podem ser agravadas pela sobrecarga de responsabilidades familiares, especialmente em relação às mulheres, onde há uma assimetria desigual na participação e exigências na vida familiar. O sistema patriarcal e as desigualdades de gênero presentes na sociedade podem dificultar ainda mais para as mulheres equilibrarem suas múltiplas responsabilidades, especialmente para aquelas que além de enfrentarem esses fatores, também enfrentam discriminação racial e são economicamente desfavorecidas, como mulheres negras e pobres.

Essas interseccionalidades demonstram que as opressões estão entrelaçadas às questões de classe, gênero, raça/etnia, sexualidade entre outros marcadores sociais da diferença que buscam perpetuar a dominação e relações de poder em nossa sociedade. Conforme destacado por Bastos e Eiterer (2021), os “marcadores sociais de diferença, tais como gênero, raça, classe, origem e geração operam para delimitar a posição que os sujeitos podem assumir, especialmente, nas assimetrias vividas por mulheres negras [...]” (BASTOS; EITERER, 2021, p. 445). Ainda, conforme Aragão *et al.* (2022, p. 339),

A discussão em torno dos marcadores sociais da diferença compreende o indivíduo como um sujeito social e culturalmente constituído em vivências discursivas, nas quais gênero, classe, raça, entre outros, não são considerados variáveis independentes, mas que se entrelaçam de maneira que a diferenciação do indivíduo ocorre na configuração de sistemas de classificação social assim como da constituição de corpos e identidades

coletivas. Essas construções sociais preexistem desde o nascimento do indivíduo e se articulam de maneira a produzir maior ou menor inclusão/exclusão social, a depender do quanto confrontam identidades sociais hegemônicas.

Essas assimetrias aprofundam as desigualdades e ampliam as barreiras enfrentadas por essas mulheres no acesso à educação e no engajamento nos estudos. Por isso, é importante que os cursinhos populares se engajem na luta contra essas assimetrias e ofereçam espaços de aprendizado para além dos conteúdos necessários para o vestibular. Além de preparar os/as estudantes para os exames, esses cursinhos devem proporcionar momentos de discussões, reflexões sobre as relações de opressão e poder presentes na sociedade e na maioria das vezes essas relações fazem parte da vivência dos/as estudantes.

Dessa maneira, os cursinhos populares se tornam um ambiente acolhedor e transformador, onde os participantes não são apenas vistos como vestibulandos, mas sim como sujeitos históricos ativos na sociedade. Um exemplo notável é o Emancipa Floresta, que segue as orientações da Rede Emancipa. Conforme os documentos analisados, a Rede Emancipa orienta seus núcleos a não se limitarem a um modelo tradicional de pré-vestibular, focado no “decorar” questões e macetes para aprovação no vestibular, mas também promovendo uma educação libertadora, aproximando-se do método freireano, enquanto prepara estudantes para os processos seletivos das universidades.

Machado e Amorim (2019, p. 1418) destacam que os cursinhos da Rede Emancipa

[...] não tratam a educação como mercadoria, mas como bem público. Igualmente não cobram taxas ou mensalidades. Seu financiamento ocorre por meio, essencialmente, de campanhas coletivas, com o cuidado de não receber financiamento de grandes empresas ou partidos políticos para garantia de sua autonomia enquanto movimento social.

O Emancipa Floresta, assim como os demais núcleos da Rede Emancipa, compartilha dos propósitos e valores que visam promover uma educação emancipadora e democrática. Embora apresente suas particularidades na forma de organizar e estruturar o cursinho, o Emancipa Floresta se alinha com os princípios e diretrizes da Rede Emancipa em relação à oferta de educação popular alinhada com a transformação social.

O cursinho tem um papel essencial ao tentar garantir que estudantes das classes populares tenham acesso a um lugar que por muito tempo lhes foi negado. Ao colocar em prática um ensino para além do vestibular, o Emancipa Floresta contribui para redução das desigualdades

educacionais que historicamente têm afetado de forma desproporcional as camadas mais vulneráveis da população.

5. CONCLUSÃO

Fundada na dialogicidade da ação educativa, como Paulo Freire destaca, a educação popular propõe uma educação transformadora que é validada em espaços educacionais que atuam numa perspectiva transformadora (PONTUAL, 2019). Em um país marcado por tantas desigualdades sociais, educacionais e econômicas, compreendemos que os cursinhos populares da Rede Emancipa, especialmente do Emancipa Floresta, constituem-se como um espaço importante e essencial que ajuda na formação complementar de jovens para o acesso ao ensino superior, principalmente, no desenvolvimento de uma educação na perspectiva libertadora.

A Rede Emancipa, conjuntamente com seus núcleos espalhados em diferentes estados brasileiros, cumpre uma função social muito importante que é: universalizar o acesso ao ensino superior, através dos seus cursinhos populares e, ao mesmo tempo, ampliar e fortalecer a luta da educação popular. No Emancipa Floresta, além dos conteúdos cobrados pelos vestibulares, especialmente o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), há a preocupação no sentido desses conteúdos serem articulados com a realidade vivida pelos/as estudantes a partir de distintos instrumentos, para que estes pensem as suas realidades de maneira crítica e emancipadora. Dessa forma, os cursinhos populares da Rede Emancipa pautam-se no compromisso, na luta pela redução das desigualdades educacionais e na construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F. **A Evasão em cursinhos populares no contexto da periferia: um estudo de caso em dois cursinhos na região metropolitana de São Paulo.** 2020. 43 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ARAGÃO, H. T. *et al.* Impactos da Covid-19 à luz dos marcadores sociais de diferença: raça, gênero e classe social. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial, p. 338-347, março 2022.

ARAGÃO, R. da C. *et al.* Cursinho popular Emancipa: movimento de educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 83-92, 2015.

BASTOS, L.; EITERER, C. Educação de jovens e adultos e interseccionalidade: mulheres negras e idosas, trabalhadoras e estudantes. **Diversidade e educação**, Rio Grande, v. 9, n. 2, p. 443-465, 2021.

BRABO, T. S. A. M. Educação popular e feminismos. **Saberes Andantes**, Quito, v. 2, n. 4, p. 37-55, 2018.

BRASIL. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Brasília: SGPR, 2014.

CARVALHO, M. C. (ed.). **Emancipa 10 anos: educando para a liberdade**. São Paulo: Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular, 2017.

DAMASCENO, M. N. Movimentos sociais: contextualização e práticas organizativas. *In*: FIGUEIREDO, J. B. de A.; VERAS, C. I. M.; LINS, L. T. (org.). **Educação popular e movimentos sociais: experiências e desafios**. Fortaleza: IMPRECE, 2016. p. 34-59.

DANTAS, V. L.; LINHARES, Â. M. B. Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. *In*: BORNSTEIN, V. J. *et al.* (org.). **Curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde: textos de apoio**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GOHN, M. da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio-ago. 2011.

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, A. R. G. de; OLIVEIRA, F. M. de. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-24, 2019.

HURTADO, C. N. **Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LOPES, E. C. P. M.; CAPRIO, M. As influências do modelo neoliberal na educação. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, n. 5, p. 1-16, 2008.

MACHADO, S. X.; AMORIM, M. M. T. A Rede Emancipa como contraposição às orientações neoliberais para organização da educação brasileira. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL E SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL, 7. 3., 2019, Vitória da Conquista/BA. **Anais [...]**. v. 7, n. 7, 2019.

MACHADO, S. X. **A democratização do acesso ao ensino superior no Brasil e os cursinhos populares da Rede Emancipa**. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) — Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020.

MENEZES, R. G. O movimento pelo resgate social do Cursinho da Poli e a criação da Rede Emancipa. *In*: ARELARO, L. G; FRANCA, G. C; MENDES, M. T. (org.). **Às portas da universidade: alternativas de acesso ao ensino superior**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 109-120.

MENDES, M. T. **Inclusão ou emancipação?** um estudo do cursinho popular Chico Mendes/Rede Emancipa na Grande São Paulo. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MENDES, M. T. Inclusão ou emancipação? dialética da educação em cursinhos populares. *In:* ARELANO, L.; FRANCA, G.; MENDES, M, T. (org.). **Às portas da universidade:** alternativas de acesso ao ensino superior. São Paulo: Xamã, 2012. p. 129-142.

NEVES, D. V.; LINS, R. F. C. Os sentidos e os significados do cursinho popular: história de vida. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 139-155, 2017.

PALUDO, C. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago, 2015.

PONTUAL, P. C. Educação popular e participação social: desafios e propostas para hoje. *In:* CÁSSIO, F. (org.) **Educação contra a barbárie:** por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 159-164.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I, p. 1-15, julho, 2009.

Artigo recebido em: 09/07/2023
Aceito para publicação em: 08/09/2023